





BÍBLIA

PALAVRA VIVA



PAULUS

1ª impressão: agosto de 2022

Patrocinada por
SOBICAIN – Sociedade Bíblica Católica Internacional
Protasio Gómez, 15 – 28027 Madri – Espanha
sobicain@sobicain.org
www.sobicain.org

© PAULUS Editora, 2022
Rua Francisco Cruz, 229 - 04117-091 São Paulo (SP) - Brasil
www.paulus.com.br

© PAULUS Editora, 2014
para os textos bíblicos da “Nova Bíblia Pastoral”

© EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l., 2020
“La Bibbia. Scrutate le Scritture”
para as introduções, notas e apêndices
Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milão) - Itália
www.edizionisanpaolo.it

ISBN 978-65-5562-671-1 (capa dura)
ISBN 978-65-5562-686-5 (cristal)

COLABORADORES

Direção da obra

Ezechiele Pasotti, Giacomo Perego, Fabrizio Ficco, Francesco Giosuè Voltaggio

Revisão científica

Carlos Granados, Stanisław Witkowski

Introduções e notas

José David Albeza Asencio, Paolo Alfieri, Maria Ignazia Angelini, Francesco Bianchi, Nuria Calduch Benages, Elena Bosetti, Carlo Broccardo, Guillaume Bruté de Remur, Federico Moisés Colautti, Claudio Doglio, Fabrizio Ficco, Matteo Fossati, Antonio Grappone, Federico Giuntoli, Germano Lori, Laila Lucci, Paolo Merlo, Raúl Orozco Ruano, Ezechiele Pasotti, Giacomo Perego, Rita Torti Mazzi, Sebastiano Pinto, Giuseppe Pulcinelli, Francisco Javier Romero Pérez, Patrizio Rota Scalabrini, Carlo Lorenzo Rossetti, Diego Sánchez Alcolea, Gianvito Sanfilippo, Giuseppe Scollo, Filippo Serafini, Salvatore Sessa, Marco Settembrini, Francesco Giosuè Voltaggio, Marco Zappella

Revisão linguística

Paolo Alfieri

Controle de paginação

Benedettine di Viboldone (Mi)

Controle das passagens paralelas

Martina Andreozzi, Giulio Barbieri, Walter Colombo, Tommaso Coscarella, Francesco Cupello, Fabrizio Ficco, Ansèlme Katembo, Davide Lees, Lucia Mauri, Edouard Muteba, Christian Nzashi e os seminaristas do “Redemptoris Mater” de Roma

Projeto gráfico

Giordano Redaelli - Studio Methodus, Giussano (MB)

Os organizadores agradecem de modo particular ao Sr. Paulo, à Sra. Adele, a Elio Gervasi e às Filhas de São Paulo da comunidade “Tecla Merlo” de Albano Laziale (RM).

EDIÇÃO BRASILEIRA

Direção editorial

Darlei Zanon

Direção da obra e revisão exegética

Paulo Bazaglia

Tradução dos textos bíblicos

Antonio Carlos Frizzo Js, Jz, Sl

Donizete Scardelai Rt, Jó, Pr, Ct

José Ademar Kaefer 1Sm

Luiz Gonzaga do Prado Gn, Ex, Lv, Nm, Dt, 1Sm, 1-2Rs, 1-2Cr, Esd, Ne, Tb, 1-2Mc, Profetas

Paulo Bazaglia Est gr., Ecl, Mt, Mc, Lc, At, Rm, 1-2Cor, Gl, Ef, Fl, Cl, 1-2Ts, 1-2Tm, Tt, Fm, Hb, Tg, 1-2Pd, Jd

Pedro Lima Vasconcellos Jt, Est heb., Sb, Eclo, Jo, 1-3Jo, Ap

Revisão literária dos textos bíblicos

José Dias Goulart

Tradução das introduções e notas

Paulo Bazaglia

Revisão da tradução das introduções e notas

André Odashima, Zolferino Tonon

Gerente de design

Daniilo Alves Lima

Nihil Obstat para a tradução dos textos bíblicos

Dom Sérgio da Rocha

Arcebispo de Brasília e Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé

Imprimatur para a tradução dos textos bíblicos

Dom Raymundo Card. Damasceno Assis

Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Brasília, 18 de setembro de 2013

INTRODUÇÃO GERAL

Examinem as Escrituras

Está em suas mãos a *Bíblia Palavra Viva*,¹ e apresentamos a seguir os princípios que a inspiraram. Ela é publicada na Itália por ocasião do aniversário dos 1600 anos da morte, ocorrida em 30 de setembro de 420, de Sofronius Eusebius Hyeronimus, conhecido como São Jerônimo, grande tradutor/intérprete da Escritura, doutor da Igreja, que quis fazer da *scrutatio* da Bíblia a ocupação principal de toda a sua vida, como escreveu: “Cumpro o que devo, obedecendo aos mandamentos de Cristo: ‘Examinem as Escrituras’ (Jo 5,39); e: ‘Busquem e encontrarão’ (Mt 7,76) [...]. Se, de fato, segundo o apóstolo Paulo, Cristo é ‘poder de Deus e sabedoria de Deus’ (1Cor 1,24), quem não conhece as Escrituras, não conhece o poder de Deus nem a sua sabedoria: a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo” (*ComIs*, Prol, 1-2).

A presente Bíblia traz a tradução da *Nova Bíblia Pastoral*, publicada no Brasil pela Paulus Editora em 2014, conservando porém o tetragrama “Yhwh” para o nome divino. Ela é acompanhada por introduções a cada livro bíblico, numerosas passagens paralelas indicadas à margem, ricas notas de tradução ou interpretação do texto, entre as quais 378 vozes sintéticas sobre os mais importan-

tes temas bíblicos. A edição, elaborada por uma ampla equipe de biblistas e teólogos, leva em consideração os avanços da ciência exegética contemporânea e dos seus métodos, com a certeza de que a palavra de Deus se expressa em palavras humanas e portanto deve ser estudada com todas as contribuições da ciência humana, com particular atenção aos seus aspectos gramaticais, filológicos, semânticos e literários, assim como ao seu contexto histórico e ambiente vital. Nesse sentido, o interesse pelo aspecto diacrônico do texto ou, em outras palavras, pela história da sua formação e composição, é sempre levado em consideração. Nunca se deve esquecer, de fato, que a “natureza humana” do texto bíblico não está em contradição com a sua “natureza divina”: analogamente ao que acontece com a encarnação de Cristo, a “humanidade” da Bíblia, longe de ser obstáculo, é ao contrário condição imprescindível para ter acesso ao seu conteúdo divino, caminho de encontro com o próprio Deus.

Se é verdade, por outra parte, que na multiplicidade das palavras humanas está presente a única palavra de Deus, então a Bíblia se pode ler como um conjunto harmonioso, visto que a variedade das vozes e mesmo as dissonâncias aí presentes não impedem a compreen-

¹ A edição original italiana denomina-se *La Bibbia. Scrutate le Scritture* (“A Bíblia. Examinem as Escrituras”).

são, já que são parte de uma “sinfonia”, a mais bela já escrita, irredutível a um único som. De fato, já há vários anos, no campo dos estudos bíblicos testemunhamos a afirmação de que, na interpretação da Bíblia, é necessário destacar, além da abordagem diacrônica, também a sincrônica, o que significa dar o devido destaque à redação final de cada livro, à intertextualidade, já presente na Bíblia (sendo esta última uma contínua releitura e atualização de si mesma), e à sua forma canônica final.

Os oito princípios que animaram a presente Bíblia são apresentados nos parágrafos seguintes. Eles também guiaram a incansável busca e meditação das Escrituras, “dia e noite”, por São Jerônimo. Que a redescoberta desses princípios, 1600 anos após sua morte, abra de modo renovado ao ouvinte/leitor os inesgotáveis tesouros da palavra de Deus.

Ler a Bíblia com a Bíblia

O *primeiro princípio* que inspira esta nova edição é a certeza de que a *Bíblia deve ser lida com a Bíblia*. Para os rabinos, convencidos da unidade e da origem divina de toda a Escritura, a *Torá* se explica com a *Torá* (cf. *yMeg* 1,13,72b; *bBQ* 2b). Entre os princípios de interpretação preferidos pelos judeus está a *gezerah shavah*, que extrai da aproximação com outro texto o “aroma secreto” do primeiro que se está interpretando. Também os Padres da Igreja costumavam ler a Escritura com a Escritura, retomando o princípio judaico e já greco-helenista (que remonta talvez a Aristarco de Samotrácia), segundo o qual “Homero se explica com Homero”.

Se é verdade que a Sagrada Escritura é uma contínua releitura de si mesma, não se pode renunciar a esse primeiro

princípio hermenêutico que ela própria nos indica. De acordo com o conceito católico de inspiração, segundo o qual os autores inspirados estavam em plena posse de suas faculdades no momento de escrever, a Escritura é *verdadeiramente* palavra divina e *verdadeiramente* palavra humana. Enaltecer uma das duas realidades em detrimento da outra ou compreender mal a relação entre elas pode levar a erros, da mesma forma que aconteceu nas heresias cristológicas. A Bíblia tem o próprio Deus como autor, é toda ela um discurso divino, e conseqüentemente nela há profunda unidade e harmonia: “Um é o discurso de Deus ‘dilatado’ em todas as Escrituras e, pela boca de muitos santos, um é o Verbo que ressoa” (Agostinho, *EnPs* 103,4,1). A Escritura é portanto perfeita, sem erros e contradições (se não aparentes), e tem autoridade em matéria de fé e doutrina.

Por essas razões, também os Padres da Igreja estavam convencidos do princípio de que a Escritura se explica pela Escritura: para examinar as Escrituras e nelas “as profundidades de Deus” (1Cor 2,10), é preciso, tendo como mestre o Espírito Santo, “comparar coisas espirituais a coisas espirituais” (cf. 1Cor 2,13, onde a comparação se entende pela expressão “falando de realidades espirituais em termos espirituais”), ou seja, comparar as passagens e os mistérios contidos na própria Bíblia (cf. João Crisóstomo, *Com1Cor* 7,4). Para os rabinos e os Padres, no entanto, esse princípio nunca é entendido no sentido de que o texto sagrado possa ser interpretado sem a tradição ou a mediação de alguma autoridade, pois nesse caso a porta se abriria para uma interpretação subjetiva e aleatória, deixada ao “capricho” do leitor. Para a tradição rabínica, a *Torá* escrita deve ser

lida juntamente com a *Torá* oral, ou seja, com as interpretações preservadas em escritos de diferentes naturezas (*Mishná, Talmude, Midrash, Targum* etc.). Isso vale, *mutatis mutandis*, também para os católicos, que interpretam a Escritura à luz da Tradição (e sob a orientação do Magistério da Igreja), que inclui também a interpretação dos Padres da Igreja: “A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura estão estreitamente relacionadas entre si. Derivando ambas da mesma fonte divina, formam como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim” (DV 9).

O resgate da grande Tradição

O *segundo princípio* é a necessidade de *recuperar*, na exegese atual, a *hermenêutica e a tradição dos Padres da Igreja e dos rabinos*. Sem dúvida, há uma diferença hermenêutica substancial entre os Padres e os rabinos, já que para os primeiros a chave de todas as Escrituras é Cristo; no entanto, eles estão unidos na crença de que existe um “para além do versículo”, que deve ser sempre decifrado. Patrimônio comum da leitura judaica e patrística das Escrituras é a busca pelo “aspecto misterioso” do texto bíblico, pelo seu profundo sentido espiritual. Quem tem certa familiaridade com a exegese judaica sabe a importância que esta atribui a cada detalhe do texto bíblico, como se afirma na *Mishná* sobre a *Torá*: “Vire e revire, porque tudo está nela; nela olhe, envelheça e se torne ancião nela, e dela não se afaste, porque você não tem ‘boa medida’ senão nela” (*mAv* 5,22).

Para os sábios judeus, interpretar a Escritura significa antes de tudo examiná-la (este é o significado do verbo *darash*, e daí o termo *midrash*); em outras palavras, extrair de seu tesouro inesgotável todas as suas potencialidades de sig-

nificado, para encontrar nela um sentido para o hoje do leitor. De acordo com o *Talmude*, o centro da *Torá*, de acordo com o cálculo das palavras, é a expressão *darosh darash* em Lv 10,16, que significa “examinou intensamente” (*bQid* 30a).

Para os Padres, a Escritura é um tesouro inesgotável e uma fonte inextinguível, ao passo que os detalhes presentes nela constituem pérolas preciosas ou “nozes”, das quais, uma vez aberta a casca, se pode provar o sabor delicioso: “Tudo o que lemos nos livros divinos brilha e refulge também na ‘casca’, mas é mais doce penetrar até o miolo. Quem quiser comer a noz, quebre a casca!” (Jerônimo, *Ep* 58,9; cf. também Orígenes, *HomLev* 5,5). Os enigmas, as tensões e até as incoerências do texto não foram considerados pelos Padres como problemas a serem resolvidos ou erros a serem corrigidos, mas sim estímulos para uma busca inesgotável por Deus, cujo conteúdo transcendente excede sempre a compreensão humana. Aqueles que leem a Bíblia de forma imprudente “são enganados por muitas e múltiplas obscuridades e ambiguidades”, e “isso foi pre-determinado por Deus a fim de domar a soberba com o cansaço e de renovar a mente daquele incômodo que geralmente faz desvalorizar o que é fácil de encontrar” (Agostinho, *DeDocChr* 2,6,7). As tensões nas Escrituras são, portanto, providenciais, desejadas por Deus, para que o leitor aprenda a humildade e ao mesmo tempo seja estimulado à busca por um texto que nunca seja entediante e que o envolva em releituras contínuas.

Experiência, liturgia, tradição oral

O *terceiro princípio* que anima a edição desta Bíblia é a *atenção à experiência existencial, à liturgia e à tradição oral*, três

dimensões que tornam a Bíblia não um livro entediante ou “chato”, mas precisamente “tridimensional”, sempre vivo e atual. De fato, no que diz respeito à Bíblia, antes da escrita há sempre a experiência viva do encontro com Deus, que antes de ser escrita é celebrada na liturgia, comunicada aos contemporâneos e transmitida às gerações seguintes. Isso significa que antes da escrita havia a experiência, a liturgia e a tradição. Os dois ambientes vitais da interpretação judaica da Bíblia são a *bet knesset*, a sinagoga, e a *bet midrash*, a escola. Da mesma forma, os ambientes vitais da interpretação cristã são a assembleia litúrgica e a escola, mas nesta última estão incluídos, antes das universidades bíblicas, o *kerygma* e a *didaché*, ou a pregação e a catequese, transmitidas primeiro aos catecúmenos e depois aos cristãos; através de ambas, eles recebiam uma profunda iniciação nos mistérios da Escritura e dos sacramentos.

Como veremos mais adiante, a palavra de Deus transcende a Escritura: tal *surplus* refere-se ao Deus sempre vivo e operante na existência do crente, e isso o leva a experimentar o poder infinito de sua Palavra em sua história concreta. A abordagem hebraica do texto bíblico tende sempre a perguntar: “O que para nós hoje, em nossa situação existencial concreta, significa o que está escrito?”; ou ainda: “Como isso pode ser transmitido aos nossos filhos?” Assim, para os judeus, a “Torá de Deus” deve ser transformada na “Torá de cada pessoa”, segundo o que se recita no Sl 1,2, que diz literalmente sobre os justos: “Na Torá do Senhor está o seu prazer, a sua Torá sussurra dia e noite”. Os rabinos se perguntam a quem se refere a expressão “sua Torá”: é a Torá do Senhor ou a dos justos? E respondem: ambas as coisas,

porque quando alguém examina a Torá, esta se torna verdadeiramente “sua” (cf., p. ex., *bAZ* 19a).

Também a leitura cristã é toda voltada à atualização existencial. Ou seja, o ser humano é chamado a acolher, interpretar, colocar em prática e “encarnar” a Palavra em sua vida: “A Escritura, de certa forma, cresce com quem a lê” (*Scriptura... aliquo modo cum legentibus crescit*: Gregório Magno, *MorLob* 20,1,1; cf. *InEz* 1,7,8). Assim, o crente “compara” todos os eventos de sua história com a palavra de Deus, que se torna “lâmpada para os seus passos” (Sl 118,105), como a Virgem Maria, que guardava todas as coisas “confrontando-as” em seu coração (cf. Lc 2,19): “O que significa dizer isso que diz: ‘confrontando-as’? Deveria dizer: ‘Considerava-as em seu coração e as anotava em si mesma’. Alguém diz: ‘Confrontando-as em seu coração, porque era santa, havia lido as Sagradas Escrituras e conhecia os profetas’ [...]. Confrontava as coisas que havia ouvido e aquelas que havia lido com estas que via” (Jerônimo, *HomNatDom* 78,526-527).

História e geografia da salvação

O *quarto princípio* que inspira a presente edição da Bíblia é o *interesse constante pela história e pela geografia da salvação*. A revelação divina, da qual a Escritura é testemunho juntamente com a Tradição, é histórica. No judaísmo e depois no cristianismo, de fato, não é sobretudo o ser humano que busca a Deus, mas é este que vai em busca do ser humano, de Abraão, o início da história da salvação, até chegar, para nós cristãos, a seu auge no NT. Nunca se insistirá suficientemente sobre o fato de que a salvação de Deus tenha tido um “lugar”: histórico, o que implica uma atenção especial aos

1,1-2,3 // 2,4-25; Is 40,26;
Pr 8,22-31; Ef 3,9;
Hb 1,2; 11,3
1,1 Sl 8,4; Is 42,5; 44,24;
45,18; Jo 1,1
1,2 Jó 26,7; Sl 104,30;
Is 40,12-14; Jr 4,23;
2Pd 3,5
1,3 Sl 33,6,9; 148,5;
Sb 7,26; Is 60,19; 2Cor 4,6
1,4 3,6; Ex 2,2; Ecl 2,13;
Is 45,7; Jr 17,6
1,5 8,22; Sl 19,2; 74,16;
1Ts 5,5

ORIGENS DO MUNDO CRIADO

Primeira narrativa da criação

1 A criação em seis dias – ¹No princípio, Deus criou o céu e a terra. ²A terra era um caos vazio, a escuridão cobria até as profundezas e um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas.

³E Deus disse: “Haja luz!” E houve luz. ⁴E Deus viu que a luz era boa e separou a luz da escuridão. ⁵À luz Deus chamou “dia” e à escuridão chamou “noite”. Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o primeiro dia.

1,1. Criação. “No princípio”, entendido como início mas também como sabedoria (cf. *Tg-NGn* 1,1; Pr 8,22-31; Sl 104,24; Jo 1,1-3), Deus faz existir “céu e terra”, ou seja, cada coisa (Gn 1-2; Sb 11,24-25), realidades espirituais (anjos) e materiais. O sábado, cumprimento da criação e “repouso” de Deus (Gn 2,1-3), é “feito para o homem” (Mc 2,27), macho e fêmea, síntese e ápice da criação (Gn 1,26-27; 2,22-23; Sl 8). A noção da criação de todas as coisas a partir do nada, à qual a revelação chega gradualmente (Is 44,24; 2Mc 7,28), ultrapassa a mitologia médio-oriental e a filosofia grega. Ela expressa duas coisas: o mundo existe somente graças a Deus e é essencialmente diferente dele. Total dependência e verdadeira autonomia são as notas da criaturalidade, às quais correspondem as outras duas de bondade e caducidade. Tudo provém de Deus e é, como tal, “bom”, “muito bom” (Gn 1,4.21.31; Sb 1,13-14; 2,23). A criatura autônoma e livre é sujeita à finitude e à possibilidade do mal (Gn 2,17; Sb 2,24; Rm 8,20). Para o NT a criação é desde o início direcionada a Cristo, destinada a ser recapitulada nele, o Princípio e a Sabedoria (Jo 1,1-3; Ef 1,3-11; Cl 1,15-20; Ap 3,14), e a esta criação sucederá uma nova, escatológica, livre do mal e da corrupção, “novos céus e nova terra” (Rm 8,19-22; 2Pd 3,13; Ap 21,1), na qual “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28).

1,2. Caos. “Caos vazio”: heb. *tohu vavohu* (lit. “deserta e vazia), hendiade que expressa

a ideia do nada e do caos primordial. No AT, como na literatura do antigo Oriente Próximo, o caos indica confusão, desordem ou ausência de luz e forma (Gn 1,2; Is 45,7; Jr 4,23). Isso é frequentemente simbolizado pelo poder irracional das águas e dos monstros marinhos que habitam indomáveis no abismo (vv. 9-10,21; 7,11; Jó 7,12; 38,8-11.16-17; 40,15-32; Sl 148,5-7). A Deus basta a força da sua palavra para criar ordem e harmonia, e assim dispersar as trevas do caos e da impiedade (v. 3; Jó 26,12-13; Sl 33,6-9; 65,8-9; 74,13-14; 89,9-11; 94,3; 104,6-9.25-26; 106,9; Pr 8,27-29; Is 27,1), arrancando-nos do inimigo (Is 17,12-13; 34,9-12; 50,2; 51,9-16; Jr 51,34-37; Ez 32,2-3; Na 1,2-8). Às vezes, porém, Deus se serve do caos para reprimir a rebeldia e o orgulho humano (Gn 6,17; 7,17-24; 11,4-7; Jl 2,1-7). O NT celebra o triunfo de Cristo sobre as forças cegas do mal e das trevas (Jo 1,1-5): ele dobra as águas do caos com o sopro da sua boca (Mc 4,35-41 e par.; Lc 8,31; 2Ts 2,8; Ap 11,7-12; 19,15) e as põe sob seus pés (Mc 6,45-52 e par.), porque “Deus não é um Deus de desordem, mas de paz” (1Cor 14,33; Ef 4,14; Tg 1,5-8; 3,15-17; Ap 17,15; 21,1).

1,2. Um vento de Deus (heb. *ruab*: “vento”, “espírito”). Cf. nota a Jo 14,16.

1,3. Deus disse: “Haja luz!” Cf. nota a Dn 3,72 e a Jo 1,1.

1,5. À escuridão chamou “noite”. Cf. nota a Sb 18,6.

⁶E Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas, a fim de separar águas de águas!” ⁷E Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento. E assim foi. ⁸E ao firmamento Deus chamou “céu”. Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o segundo dia.

⁹E Deus disse: “Que as águas debaixo do céu se ajuntem num só lugar, e apareça o chão seco”. E assim foi. ¹⁰Ao chão seco Deus chamou “terra”, e ao conjunto das águas chamou “mar”. E Deus viu que era bom. ¹¹E Deus disse: “Que enverdeça a terra de vegetação, ervas que semeiem semente, e árvores que deem frutos sobre a terra, frutos que contenham semente por espécies”. E assim foi. ¹²E a terra fez sair a vegetação, ervas que semeiam semente por espécies, e árvores que dão fruto com a semente por espécies. E Deus viu que era bom. ¹³Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o terceiro dia.

¹⁴E Deus disse: “Haja luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite e para marcar festas, dias e anos. ¹⁵E que sirvam de luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra”. E assim foi. ¹⁶Deus fez os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para dominar o dia, o luzeiro menor para dominar a noite, e também as estrelas. ¹⁷Deus colocou-os no firmamento do céu para iluminar a terra, ¹⁸para governar o dia e a noite, e para separar a luz da escuridão. E Deus viu que era bom. ¹⁹Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o quarto dia.

²⁰E Deus disse: “Que ferverhem as águas um ferverilhar de seres vivos. E aves revoem sobre a terra debaixo do firmamento do céu”. ²¹Deus criou, então, os grandes animais do mar e os outros seres vivos que se remexem e ferverilham nas águas por espécies, e as aves aladas também por espécies. E Deus viu que era bom. ²²E Deus os abençoou dizendo: “Sejam fecundos, multipliquem-se e encham as águas do mar; e as aves também se multipliquem sobre a terra”. ²³Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o quinto dia.

²⁴E Deus disse: “Que a terra faça sair seres vivos por espécies, animais domésticos, bichinhos e feras da terra por espécies”. E assim foi. ²⁵Deus fez as feras da terra por espécies, os animais domésticos por espécies e os bichinhos do solo por espécies. E Deus viu que era bom.

²⁶E Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que eles dominem os peixes do mar, as aves

1,6 Jr 10,12; Sl 150,1; Eclo 43,1; Ez 1,22; 2Pd 3,5
1,7 7,11; Jó 26,8; Sl 148,4; Pr 8,28; Mt 8,27

1,9 Jó 26,10; Sl 24,1-2; Pr 8,29; Jr 5,22; 2Pd 3,5
1,10 Ex 14,16,21-22,29; 15,19; Js 3,19; Sl 33,7; 66,6

1,11 Sl 104,14-17; Lc 6,44; 1Cor 15,38; Hb 6,7

1,12 Is 61,1; Mc 4,28; 2Cor 9,10

1,14 Sl 74,16; 104,19; Eclo 43,6,7; Br 3,33-35; At 17,26

1,16 Jó 38,7; Sl 19,6-7; 136,8,9; Mt 24,29

1,18 Jr 31,35

1,20 At 17,25; 1Cor 15,39

1,21 Ex 1,7; Jó 7,12; Sl 104,25,26; Ez 32,2; Mt 12,40

1,22 8,17; 35,11; Jó 42,12; Sl 128,3; Pr 10,22

1,24 Jó 38,39-40; Sl 148,10; At 10,12; 11,6; 1Cor 15,39

1,25 Jó 12,8-10; Jr 27,5

1,26 Sl 100,3; Sb 2,23; Eclo 17,3-4; At 17,26; Ef 4,24; Cl 3,9,10; Tg 3,9

1,10. *Era bom.* Cf. nota a Ct 1,15.

1,11. *Que semeiem semente.* Cf. nota a Mt 13,3.

1,16. *O luzeiro menor e as estrelas.* Cf. nota a

Nm 24,17 e a Eclo 43,6.

1,21. *Os grandes animais do mar.* Cf. nota a Sl 77,20.

1,27 Gn 5,2; Mt 19,4;
Mc 10,6; At 17,29;
Rm 8,29; 1Cor 11,7;
1Tm 2,13

1,28 9,1.7; Lv 26,9;
Sb 9,2; 10,2; Eclo 17,2-4;
At 17,26

1,29 9,3; Sl 104,14.15;
136,25; 146,7

1,30 Jô 38,41; Sl 145,15;
At 11,6

1,31 Sl 104,24; Ecl 3,11;
Eclo 39,21-33; 1Tm 4,4

2,1 14,19.22; 2Rs 19,15;
2Cr 2,11; Sl 33,6; 121,2;
Jo 5,17

2,2 Hb 4,4; Is 58,13;
Hb 4,10

do céu, os animais domésticos e toda a terra e também os bichinhos que se remexem sobre a terra”.

²⁷E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, macho e fêmea os criou.

²⁸E Deus os abençoou e disse:

“Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e a submetam.

Dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres que se remexem sobre a terra”.

²⁹E Deus disse: “Vejam! Eu lhes dou as ervas que semeiam sementes, ervas que estão sobre a terra inteira; e todas as árvores com frutos que semeiam sementes: será alimento para vocês. ³⁰E para todas as feras da terra, para todas as aves do céu e para todo bichinho da terra que tenha vida, dou a relva como alimento”. E assim foi. ³¹E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom. Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o sexto dia.

2 ¹Foram, assim, concluídos o céu, a terra e toda a guarda deles.

O sétimo dia – ²No sétimo dia, Deus concluiu o trabalho que havia feito, e no sétimo dia descansou de todo o traba-

1,27. Macho e fêmea. A criação do ser humano (heb. *’adâm*) “à imagem e semelhança” de Deus, como macho e fêmea, deixa intuir o profundo mistério do próprio ser divino, o qual, para além de qualquer conotação sexual (Jo 4,24; 1Jo 1,5; 4,8), inclui porém em si, de modo infável e supremo, a perfeição de ambos os gêneros (Is 42,14; 49,15; 66,13). Se a mulher (*’ishbat*) provém do homem (*’ish*), este último é assim chamado somente após a criação da mulher (Gn 2,23). Longe de toda forma de machismo ou feminismo, é portanto na correlação entre eles e na plena reciprocidade no amor, mas sem confusão (Dt 22,5), que eles exprimem o mistério da comunhão trinitária e da aliança entre Deus e a humanidade, entre Cristo e a Igreja (1Cor 7,3-4; 11,1-16). O marido representa a iniciativa de amor e serviço oferecido por Deus em Cristo-Esposo; a mulher manifestada a livre e espontânea adesão da humanidade-Igreja-Esposa, beneficiária da aliança (Ef 5,21-32). Tal comunhão na distinção (pericorese), enraizada no mistério trinitário e cristológico, comporta total paridade de dignidade (Gl 3,28), na diferença de papéis (1Tm 2,9-15). Passando por Ct, a dinâmica nupcial, que aflora aqui na origem, atravessa

a Bíblia e culmina nas núpcias do Cordeiro (Ct 2,16; Ap 19-22). Cf. nota a Jo 4,53 e a Ap 12,1. 1,28. Cf. nota a Mt 19,12.

1,28. Descanso. “Descansou”, verbo heb. *shavat*, de onde *shabbat* (“sábado”). O descanso sabático, sinal de aliança e liberdade (Ex 20,8-11; 31,12-17; Dt 5,15; Êz 20,12), memorial do senhorio de Yhwh sobre o tempo e sobre o espaço (Lv 23,3; 25; 26,34-35; Ne 10,32; Is 58,13-14), é união “esponsal” com ele (Dt 13,7; Ct 1,7; Eclo 9,1; Ez 20,12; Mq 7,5). Em meio às provas, o homem recebe a promessa do descanso definitivo (Ex 33,14; 2Sm 7,11; Sl 39,14; 55,7-8; 66,12; 116,7; Sb 4,7; Jr 30,10; 46,27; Ez 34,15; Dn 12,13; Os 2,20), impedido aos ímpios (Dt 28,65; Is 57,20; Lm 1,3; Sl 95,11) e prefigurado pelo sábado (Eclo 51,27; Sf 3,13), pela terra prometida (Dt 12,9; Js 1,13; 23,1; 1Rs 8,56; 1Cr 22,9) e pelo templo, lugar do “repouso de Deus” (2Cr 6,41; Jt 9,8; Eclo 24,7; 36,15). Ele, de fato, quer habitar no homem (Is 66,1-2), que não está tranquilo senão nele (Sl 4,9; 23,2; 62,2.6; 132,3-5.8; Is 62,1.6-7). Jesus, sobre o qual repousa o Espírito (Jo 1,32; cf. Gn 8,9), restituiu ao sábado o significado original de participação na salvação de Deus (Mc 1,21-34;

lho que tinha feito. ³Deus abençoou e santificou o sétimo dia, pois nesse dia Deus descansou de todo o trabalho que tinha feito como criador.

Segunda narrativa da criação

Criação do homem – ⁴Essa é a história da criação do céu e da terra.

No dia em que Yhwh Deus fez a terra e o céu, ⁵ainda não havia na terra nenhum arbusto do campo. Nenhuma erva do campo havia brotado, pois Yhwh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia ser humano que cultivasse o solo ⁶e fizesse subir da terra a água para irrigar a superfície do solo. ⁷Então Yhwh Deus modelou o homem com

2,3 Lv 23,3; Is 56,2-7;
Ez 20,12; Mc 2,27;
Lc 23,36

2,5 Jô 5,10; Sl 135,7;
Am 4,7; Jl 2,23; Mt 5,45

2,6 24,23; Jl 4,18
2,7 Sl 103,14; Is 27,11;
Jr 1,5; Am 4,13;
1Cor 15,45

Gn

2,27), especialmente na cruz, onde repousa a cabeça (Mt 8,20; Jo 19,30), e na ressurreição, que dão aos fiéis verdadeira liberdade (Mt 12,8; Lc 13,16) e descanso eterno (Mt 11,28-29; Mc 6,31; Jo 5,16-17; 13,25; At 2,26; Hb 3,7-4,11; Ap 14,11-13), mediante o Espírito que sobre eles repousa (1Pd 4,14). Cf. nota a Ex 20,8.

2,2. Trabalho. Na criação, Deus completa um trabalho (vv. 2-3) e permite que o homem trabalhe para preservar sua obra (Gn 2,15; Eclo 38,34), dominando-a (Sl 8,6-7). As diferentes profissões são valiosas (1Rs 7,1-12.13-50; Jô 28; Eclo 7,15; 38,24-33, texto um pouco crítico em relação ao trabalho manual, embora reconheça seu valor). Trabalhar é um dever (1Ts 4,11-12) que ajuda a não viver no ócio (2Ts 3,7-13; cf. Pr 13,4; 16,26; 21,25). A indústria humana, no entanto, não é sem esforço: fruto do pecado é a maldição de comer o pão com cansaço (Gn 3,19; cf. Dt 28,38-39); o trabalho é um esforço que a morte torna vão (Ecl 2,11,22; 3,9; 4,4) e pode ser ocasião de injustiça social (1Sm 8,10-18; Jr 22,13; Am 5,11; Tg 5,4; Ef 4,28). O Senhor dá um remédio no sábado (Ez 20,8-11; Dt 5,15), que relativiza o compromisso humano e recorda a obra de Deus (Sl 127): ele mesmo descansou (Gn 2,3). Jesus Cristo trabalhou (Mc 6,3; cf. Paulo, At 18,3) e nas parábolas frequentemente faz referência ao trabalho (p. ex., Mc 4,1-9; Jo 10,1-16); contudo, ele convida a redimensionar as preocupações (Mt 6,26,28) e buscar primeiro o Senhor (Mt 6,33), chamando os seus a trabalhar pelo Reino, como discípulos (Mt 4,19; 9,37; 10,10; Jo 4,38; cf. At 13,2).

2,3. *Deus abençoou o sétimo dia.* Cf. nota a Ex 20,8; a Lv 10,10 e a Lc 24,1.

2,6. *Água para irrigar.* Cf. nota a Sl 72,6 e a Ez 47,1.

2,7. Alma. O heb. *nēfesh* corresponde a

uma variedade de termos, como p. ex., “garganta”, “pescoço” (Sl 105,18), “sopro”, “vida”, “alma”, “si mesmo”. Isso explica a variedade de termos com os quais é traduzido em português. O termo *nēfesh* junto com *hay* (“vivente”) designa os “seres vivos” (Gn 1,24-30). O homem compartilha o *nēfesh* com os animais, mas neste v. se indica que ele o recebe diretamente de Deus, que lhe comunica o seu “sopro”/“hálito” (*nesbamab*) de vida (Jô 33,4; Is 42,5; 57,16). Segundo a Escritura, o homem não somente possui, mas *é* uma alma: *nēfesh* (gr. *psyche*) indica assim a pessoa em seu chamado radical a ser em relação com o seu Criador (Dt 6,5; Sl 33,20; 42; 43; 63,9; Ez 18,4; Mt 6,25; Mt 10,28; Lc 12,19-23; At 20,24). É a sua identidade (Gn 14,21; Lv 22,11; Sl 103,1), a sua vida (Mt 10,39; Mc 3,4) frágil (Jô 34,14-15; Sl 6,4), os seus desejos e sentimentos (Jô 21,25; Sl 107,9; Pr 13,2-4; 21,10; Ct 3,1-4; Mq 7,1). Jesus Cristo veio dar a sua alma/vida para a salvação dos homens (Mt 20,28; Jo 10,11-18; 12,27) e confiou à Igreja a mesma missão (Mt 16,25; Lc 14,26; Jo 15,13; Fl 2,30; 1Ts 2,8; Ap 12,11), restabelecendo o homem completo na sua relação com Deus (1Pd 1,9; Tg 1,21; 1Ts 5,23). Isto ocorre graças à união com o Espírito (*pneuma*) de Cristo, princípio de vida nova no qual o homem encontra o descanso e a redenção (Mt 11,38-39; 1Cor 15,43-47), renunciando à carne (*sarx*), que o leva a separar-se dele (Rm 8; 1Pd 2,11).

2,7. *Um sopro de vida.* O homem (*‘adam*) é tirado do pó da terra (*‘adamah*) e se torna um ser vivente graças ao hálito de vida, que Deus sopra nas suas narinas (na *Setenta* se usa o verbo *emphysao*, “insuflar”, que ocorre também em Ez 37,9 [*Setenta*], Jo 20,22). Cf. nota a Sl 138,6; a Sl 144,3 e a Jo 14,16.